

TISBE OVIDIANA NO *DE CLARIS MULIERIBUS* (1361-1362) DE GIOVANNI BOCCACCIO: PRIMEIROS PASSOS DE UM ESTUDO INTERTEXTUAL

Talita Janine JULIANI¹

RESUMO: Neste estudo apresentamos os primeiros passos de uma análise comparativa entre a versão ovidiana da história de Tisbe (*Metamorfoses*, IV, 55-166) e a biografia da mesma personagem encontrada no *De Claris Mulieribus* (1361-1362) de Giovanni Boccaccio. Paralelamente, refletimos sobre a metodologia dos estudos intertextuais aplicada (na esteira Gian Biagio Conte (1996) e Paulo Sérgio de Vasconcellos (2001)) à área de Letras Clássicas.

Palavras-chaves: Intertextualidade, Antiguidade, Renascimento, *De Claris Mulieribus*, Boccaccio, Ovídio.

RÉSUMÉ : Dans cet étude, nous faisons une analyse comparative entre la version ovidienne de l'histoire de Tisbe (*Métamorphoses*, IV, 55-166) e la biographie du même personnage rencontrée dans le *De Claris Mulieribus* (1361-1362) de Giovanni Boccaccio. Pour ça on a réfléchi sur la méthodologie des études intertextuelles propagé pour Gian Biagio Conte (1996) et Paulo Sérgio de Vasconcellos (2001).

Mots-Clès: Intertextualité, Antiquité, Renaissance, *De Claris Mulieribus*, Boccaccio, Ovide.

1. *De Claris Mulieribus*

Antes de procedermos aos primeiros passos da comparação a que se propõe nosso estudo, parece-nos importante ressaltar que foram precisamente os estudos em literatura comparada que nos levaram ao *De Claris Mulieribus* (*Sobre Mulheres Famosas*, 1361-62) de Giovanni Boccaccio (1313-1375) e às suas outras obras latinas, ainda pouco conhecidas no Brasil². Um trabalho anterior³, que tinha como foco a relação do *Livre de la Cité des Dames*⁴

¹ Talita Janine Juliani é licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (na área de Letras Clássicas) do Instituto de Estudos da Linguagem da mesma universidade, é bolsista da CAPES desde Abril de 2009 sob orientação da Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso. Traduz e analisa a obra *De Claris Mulieribus* de Giovanni Boccaccio. Este artigo integra a pesquisa de Mestrado.

² Como exemplos de pesquisas no Brasil recentemente dedicadas a obras latinas do Renascimento, ver B. F. Morganti, *Invective Contra Medicum de Francesco Petrarca: Tradução, Ensaio Introdutório e Notas*. Campinas, 2008, tese de doutorado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP; e E. Sartorelli, *Estratégias de Construção e de Legitimação do Ethos na Causa Veritatis: Miguel Servet e as Polêmicas Religiosas do Século XVI*. São Paulo, 2006, tese de doutorado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

³ Pesquisa de Iniciação Científica, T. J. Juliani, "O *Livre de la Cité des Dames* (1405) de Christine de Pizan frente à sua principal fonte, o *De Claris Mulieribus* de Giovanni Boccaccio (1362)". Orientação do Prof. Dr. Alexandre Soares Carneiro (DTL – IEL), com apoio da Fapesp (processo 06/56084-4, agosto de 2006 a agosto de 2007).

⁴ *Le Livre de la Cité des Dames* (1405) apresenta-se como uma tentativa de argumentação contra os ataques ao sexo feminino por parte de filósofos, intelectuais e clérigos da Idade Média. Trata-se de catálogo que reúne biografias de mulheres virtuosas pagãs, do antigo Testamento e cristãs, com as quais a autora cria uma espécie de cidade alegórica, em que os retratos femininos simbolizam as pedras de sua construção. Para a discussão sobre a misoginia medieval, várias referências podem ser citadas, entre elas H.R. Block (1995) e, ainda, G. Duby

de Christine de Pizan (1364-1430) com o *De Claris Mulieribus* do autor toscano, acabou por esboçar nossos primeiros passos nos estudos intertextuais. Isso porque, ainda que num sentido mais amplo, e sem nos darmos conta da teoria envolvida nesta abordagem específica, tratamos, de certa forma, do diálogo entre os textos dos dois autores, ao identificarmos biografias femininas que Christine teria compilado da referida obra de Boccaccio.

O certaldense, que é largamente mais conhecido por uma de suas obras vernáculas, o *Decameron* (1349-51), se teria disposto a trabalhar durante os últimos anos de sua vida mais ativamente em obras na *lingua mater*, como nos informa Lúcia Battaglia Ricci⁵. Dentre estes textos, encontramos o supramencionado trabalho, um catálogo de biografias de mulheres célebres por seus feitos, o qual retrata tanto figuras da mitologia greco-romana, quanto mulheres consideradas como participantes da história (também greco-romana), bem como algumas personagens bíblicas e umas poucas contemporâneas a Boccaccio, somando um todo de 106 biografadas em 103 capítulos.

A ausência de uma tradução da obra para o português, bem como o vasto, e portanto, atraente campo de estudo (seja pelo viés da representação das mulheres, pelo tratamento dado aos mitos no início do Renascimento, para citar apenas alguns aspectos) nos estimulou, então, a dedicarmo-nos a tal catálogo, e a elaborar a tradução de uma parte do texto.

Nossos primeiros estudos da pesquisa de mestrado, portanto, contemplam, além da proposta de tradução, que não prescinde da apreciação do latim do *De Claris*, a observação de aspectos da biografia do autor que possibilitem a contextualização da obra em apreço (os quais envolvem, por exemplo, um levantamento dos títulos publicados em latim e em vernáculo, e, ainda, uma apreciação mais cautelosa dos *topoi* biográficos presentes no próprio relato boccacciano sobre seu percurso nas letras). A maior proximidade com a obra, à medida que se realizava a tradução, nos levou a problematizar o gênero em que o *De Claris* está inserido, bem como as fontes⁶ em que o autor teria haurido, a fim de melhor apreciarmos seu *modus faciendi*.

(1989). Sobre o gênero biográfico na Antigüidade greco-romana, cf. B. Gentili; G. Cerri (1988). Sobre o biógrafo romano Suetônio, cf. G. B. Conte (1999, pp.546-52).

⁵ Ricci, Lucia Battaglia. “La produzione latina” in *Boccaccio*, Roma, Salerno Editrice, 2000, pp. 207-26.

⁶ O termo “fonte” é evidentemente aqui compreendido no âmbito de seu sentido figurado, como texto de onde algo (uma história, uma informação, um recurso lingüístico) provém. A imagem já foi empregada por G. Pasquali em uma analogia para ilustrar a questão da relação entre obras imitadas seus modelos: imaginemos as alusões como as curvas de um rio que saem necessariamente de uma fonte. A metáfora aquática, presente

Muitos estudiosos consultados apontaram para a questão das fontes das obras latinas, e também vernáculas, de Giovanni Boccaccio. Tratando especificamente do *De Claris*, Laura Torreta (1902), Glenda Mcleod (1991) e principalmente Vittorio Zaccaria (1970), editor e tradutor do texto para o italiano, notaram semelhanças com fontes antigas em diversas passagens, e, algumas vezes, alusões, i.e. significações que a relação com as fontes produziria no texto boccacciano. Portanto irremediavelmente voltamos, no presente trabalho que comporá parte de nossa dissertação, aos estudos de caráter comparativo que nos apresentaram o *De Claris* pela primeira vez. Neste momento da pesquisa, as comparações passam a receber um enfoque moderno que se tem mostrado frutífero também nos estudos sobre literatura composta em latim na Antiguidade, nomeadamente marcado pela metodologia intertextual.⁷

2. Intertextualidade no *De Claris Mulieribus*

Falar da conexão entre autores da Antiguidade e autores do Renascimento pode parecer um discurso por demais óbvio, uma vez que, para todos os efeitos, conhecemos o período de Petrarca (1304-1374) e Maquiavel (1469-1527) como um “reavivamento” da cultura e de valores clássicos antigos. Hoje se sabe que esse tipo de afirmação - que separa de modo quase absoluto a Idade Média e o Renascimento como momentos estanques da história, nos quais haveria, de um lado, o medieval, a “negligência” dos textos da Antiguidade, de

inclusive na primeira acepção da palavra “fonte” (“nascente de água”) nos lembra que o que vem desse local flui em diferentes direções. Em geral, ao mencionarmos no estudo as fontes de Boccaccio ou do texto boccacciano, fazemos referência ao texto em que, possivelmente (cf. nota infra), determinada matéria ou forma foi encontrada e imitada por nosso autor. Ao tratarmos (nas notas à tradução) das fontes antigas do mito, referimo-nos àquelas em que tal história ou episódio mitológico pode ter sido originado, e que eventualmente estariam disponíveis ao leitor moderno (independentemente de Boccaccio ter ou não tido acesso àqueles textos). Sabe-se que o sentido de “fonte” como texto - já presente em língua latina (cf. *uerba...si Graeco fonte cadent*, Horácio, *Ars Poética* 53, passo elencado no sentido 4b previsto para o verbete “fons” no Oxford Latin Dictionary (OLD): “a source, origin, fount”) - é dicionarizado em língua portuguesa, como, por exemplo, em Houaiss, sétima acepção prevista para o termo: “texto ou documento original”. No entanto, cabe-nos ressaltar que, ao procurarmos seguir uma abordagem pautada pela intertextualidade, entendemos as fontes dentro dessa perspectiva que, à medida que valoriza a originalidade no processo de imitação criativa, contribui para estender o sentido de “original” como uma característica não exclusiva do modelo ou fonte. Nesse sentido, como discutiremos mais adiante ao comentar termos-chave da intertextualidade (imitação, emulação e alusão), não estabelecemos uma hierarquia entre a “fonte” e sua imitação.

⁷O termo “intertextualidade”, especificamente, ainda não havia sido encontrado por nós em nenhuma referência bibliográfica relacionada à obra em apreço, o *De Claris Mulieribus*. Interessante notar, porém, o estudo da pesquisadora Doris Nátia Cavallari (professora da USP) quanto ao *Decamerão* (1349-51) de Boccaccio, cf. Cavallari, D. N., “O *Decameron* de G. Boccaccio: alguns traços de intertextualidade”, *Recorte* (Três Corações), v. 5, p. 4, 2006.

outro, o reinício da atenção a obras dantes esquecidas - já não satisfaz aos estudiosos do período, como nos alerta Eugenio Garin (1994).⁸

De todo modo, se o contato com o mundo clássico antigo – como podemos confirmar através das palavras de Garin – não deixou de existir na Idade Média, porém poderíamos dizer que, no Renascimento, se passa a ler a Antiguidade sob óticas diversas⁹. Uma pergunta que move mais geralmente nosso estudo do texto em apreço é: de que modo Boccaccio, como autor do século XIV, mostra-se um leitor renascentista de textos da Antiguidade, ou seja, o que caracteriza a leitura boccacciana enquanto renascentista?

Apontam Boccaccio como leitor de textos antigos pesquisas, como as de Remigio Sabbadini¹⁰, em um estudo que elenca os códices (de textos clássicos antigos) com os quais alguns autores do Renascimento, incluindo Boccaccio, teriam tido contato¹¹. Vittore Branca, principal biógrafo do autor toscano, também afirma que Boccaccio conhecia textos latinos correntes na época – entre eles, o que nos interessa mais especificamente, ovidianos - quando ainda recebia os primeiros ensinamentos das letras¹², e depois prosseguiu os estudos tomando contato com as obras de Sêneca (cf. 4 a.C – 65 d.C) e Santo Agostinho (354-430 a.C.).

Apontamentos semelhantes também foram extensivamente feitos pelo já mencionado editor Zaccaria (1970), em notas por todo o texto do *De Claris*; nelas, o estudioso observa ecos de textos antigos, como os de Plínio o Velho (23/4 – 79 d.C.), Suetônio (70 d.C. ?), Valério Máximo (1 d.C. ?), Virgílio (70-19 a.C.), Lactânio (245-325 d.C.) e Orósio (V d.C.) no texto boccacciano. Ovídio (43 a.C. – 17 d.C.), autor que, foi notado por Sabbadini e

⁸ Para ele haveria, na verdade, uma continuidade entre estes momentos, como podemos ver em: “Logo, não tem sido difícil ilustrar de diversas maneiras a continuidade entre o mundo medieval e o mundo humanista e, entre o mundo clássico e o medieval; demonstrando, portanto, que o humanismo não supôs um renascimento do mundo antigo, *porque este já estava vivo e presente pelo menos desde o XII.*” (Garin, E; 1994, p.92, grifo nosso). Ou ainda: “De qualquer modo, é certo que uma das conquistas da actual investigação histórica foi ter visto que o mito do renascimento, da nova luz e, portanto, das correspondentes trevas, fora precisamente o fruto da polémica conduzida pelos humanistas contra a cultura dos séculos precedentes.” (Garin, E; 1994, p.92).

⁹ Sobre a leitura de textos antigos na Idade Média, vinculados à teologia, por exemplo, um interessante texto pode ser apontado: Gilson, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. WMF Martins Fontes, 2001.

¹⁰ Sabbadini, R. *Le scoperte dei codici latini e greci ne' secoli XIV e XV*. Firenze: G.C. Sansoni Editore, 1967. Edizione anastatica con nuove aggiunte e correzione dell'autore a cura di Eugenio Garin. Cf. pp. 28 a 33 a respeito de Giovanni Boccaccio.

¹¹ Da longa lista de Sabbadini (cf. nota anterior), aprende-se que Boccaccio teria tido contato com códices que incluíam textos de autores, como Tácito, Ovídio, Cícero, Marcial, Varrão, Fulgêncio e outros.

¹² “Insieme alle più elementari regole di grammatica latina, e non senza l'intervento della temuta *ferula*, i ragazzi imparavano a compitarsi sul Saltero, e poi anche – proprio come Florio e Biancifiore fanciulli (*Filocolo*, I 45, 6) – sui testi ovidiani più didatticamente correnti, che offrivano l'opportunità di notizie di mitologia e di storia romana.” (Branca, V. “Perfil Biográfico” in BRANCA, Vittore (a cura di), *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, Vol. I, p.12, grifo nosso). Os “ragazzi” mencionados são Boccaccio e Nicolò Acciaiuoli.

Branca, além de Ussani¹³, é com insistência referido pelo editor.¹⁴

Entretanto, a percepção da presença de ecos de autores antigos no texto do *De Claris* não foi o único “motor propulsor” da opção pela seleção da fonte a ser levada em conta e da metodologia aqui empregada. Evidentemente, a questão não se resume a saber quais autores Boccaccio teria lido ou não: estudos sobre a intertextualidade nos alertam para a dificuldade de definirmos quais alusões seriam “propositais”, i.e., derivadas de uma (na maioria das vezes) imperscrutável intenção do autor, e aquelas que se geram no leitor que conhecesse os textos. É possível, por exemplo, que um leitor do século XX encontre em Boccaccio ecos de obras de Aristóteles (384-322 a.C.) ou de Eurípedes (cf. 485-406 a.C.), às quais mesmo Boccaccio e seus leitores coevos dificilmente teriam tido acesso direto. É possível se tratar retroativamente dos efeitos do conhecimento de Guimarães Rosa na leitura de Boccaccio. Sem dúvida, uma pesquisa dessa forma poderia avançar investigando as nuances e efeitos de leituras indiretas ou contemporâneas das obras antigas, mas nosso trabalho não pretende ir tão longe. Portanto, no Mestrado, preferimos optar por selecionar, dentre os paralelos antigos já apontados ao *De Claris* boccacciano, apenas algumas passagens que encontrassem ecos em textos cujo acesso por parte de Boccaccio nos fosse documentado nos estudos da transmissão dos manuscritos e edições de autores antigos.

Este é o caso, por exemplo, da biografia da personagem Tisbe, que figura nas *Metamorfoses* (IV, vv.55-166) de Ovídio e é a biografada do XIII capítulo do *De Claris Mulieribus*. A relação entre as obras não passou despercebida: na única nota redigida por Vittorio Zaccaria à versão boccacciana do mito de Tisbe, por exemplo, o editor e tradutor italiano¹⁵ do *De Claris* menciona a relação¹⁶ entre a história relatada por Boccaccio e a que se encontra nas *Metamorfoses* de Ovídio. Também apontaram a referida ligação entre passagens

¹³ Cf. V. Ussani Jr, “Alcune imitazioni ovidiane del Boccaccio”, *Maia*, 1948, I, pp. 289-306.

¹⁴ Evidentemente, ainda que nosso estudo se delimite a fontes antigas, não apenas delas se alimentou o texto do *De Claris*. A influência de um texto temporalmente mais próximo, como o *De viris illustribus* de Petrarca (1304-1374), assumidamente declarada no Proêmio da obra em estudo, pode remeter também a autores progressos, nomeadamente, como São Jerônimo – fonte datada do período medieval que é apontada pelo próprio Boccaccio no capítulo LXXXVI do *De Claris*.

¹⁵ Branca, V. (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, Vol. X a cura di Vittorio Zaccaria (Milão: 1967; 2ª edição, 1970).

¹⁶ Transcrevo, aqui, a nota de Zaccaria, que remete a outras influências, dantescas e mesmo do Boccaccio que escreve em vernáculo, sobre a composição da passagem em *De Claris*: “[...] Il capitolo è naturalmente tratto, com riprese perfino letterari, dal noto episodio di Ovidio, *Metamorphoseon*, IV, 55, ss. È uno dei non frequenti casi in cui il B. ha trasfuso nella prosa grigia e uniforme un certo movimento stilistico e un’eco del commovente brano delle *Metamorfosi*. La delicata e tragica storia d’amore rivive, non senza echi della terzina dantesca (*Purg.* XXVII 37-39), nella prima parte del racconto in un’aura di affettuosa rievocazione; mentre la digressione sulla tolleranza verso l’amor giovanile, voluto da natura per assicurare il mantenimento della specie, riporta a certo lassismo del *Decameron*.” (p.493).

do *De Claris* e de textos do autor romano estudiosos como Hortis¹⁷ (1879), bem como as já mencionadas Laura Torreta (1902)¹⁸ e Glenda Mcleod (1991), além de Stephen Kolsky (2004).

Portanto, nosso interesse neste trabalho, ao nos voltarmos às passagens ovidianas apontadas como paralelos a Boccaccio, é precisamente identificar de que modo as passagens boccaccianas ecoam outras obras justamente para, a partir destas, gerar junto ao leitor do *De claris* novas significações¹⁹. A tendência de privilegiar as fontes é, segundo pudemos observar até o presente momento, o que vinha sendo prioritariamente feito nos estudos do *De Claris Mulieribus* até o século XX²⁰. Portanto, a pesquisa de fontes (“Quellenforschung”, para citar o termo na língua dos estudiosos que nela mais se destacaram no âmbito dos estudos clássicos) proporciona, também aos estudos de Boccaccio, um conjunto amplo de paralelos na literatura antiga, muito úteis para uma tarefa ainda a se empreender: observar que sentido trazem ao texto renascentista, ao serem abordados como alusão aos textos antigos, i.e. como evocação – quer a consideremos imitativa ou mais explicitamente emulativa.²¹

Tendo em mente tais aspectos da intertextualidade, tentaremos agora propor um

¹⁷Hortis, A. “Degli autori consultati dal Boccaccio per le opere latine” in *Studi sulle opere latine Del Boccaccio*, Trieste, 1879.

¹⁸ Veja-se o que diz Torreta em relação a Boccaccio e Ovídio: “Quanto alla parte mitológica (che il Boccaccio, come già dicemmo, considera come vera storia), una larga messe di notizie gli è offerta dalle opere di Ovidio e specialmente delle *Metamorfosi* e delle *Epistole (Heroides)*; egli ne toglie le favole di Aracne (cap.XVII), di Pocrì (cap. XXVI), di Niobe (cap. XIV), di *Tisbe (cap. XII)*, di Ipermnestra (cap. XIII); e molte notizie secundarie qua e là sparse nei capitoli di Circe (XXXVI), di Penelope (XXXVIII), di Polissena (XXXI), di Rea Ilia (XIIII), di Flora (LXII).”, (Cf. Torreta, L. “Il liber *De Claris Mulieribus* di Giovanni Boccaccio”, *Giornale storico della letteratura italiana*, 1902, vol. 39, pp. 279-80, grifo nosso).

¹⁹Paulo Sérgio de Vasconcellos, em seu estudo sobre as relações intertextuais entre a *Eneida* de Virgílio (70 a.C.–19 a.C.) e, por exemplo, os textos homéricos, é quem nos alerta para o fato de que até poucas décadas não se atentava para os sentidos que os estudos intertextuais e a “evocação” de fontes proporcionavam para o leitor que é apto para perceber tais alusões. Nas palavras dele, “Até o século passado, o estudo das relações intertextuais na poesia latina quase sempre se limitava à identificação minuciosa das ‘fontes’”. Cf. Vasconcellos, *Efeitos Intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas, 2001, p.25

²⁰Cf. o artigo de Torreta (1902), como exemplo de estudo que lista fontes hauridas por Boccaccio.

²¹ Vasconcellos ainda discorre sobre o que definiria a relação intertextual, elucidando que há intertextualidade quando existe imitação (*imitatio*), emulação (*aemulatio*), e alusão aos modos de enunciação: “Modos de enunciação, princípios genéricos, adoção de fórmulas, reemprego de expressões vinculadas a certo tipo específico de texto, seleção lexical e sintaxe embasada na tradição de determinado gênero, etc. – tudo isso que poderíamos denominar, com Barchiesi e Conte, a “gramática textual”, faz parte da relação intertextual, com estatuto particular: trata-se de reproduzir não uma passagem qualquer de um precursor, transformando-a seja como for, mas de concretizar, reatualizando, na nova obra as regras de um código, extraídas de todo um repertório de textos paradigmáticos.” (Vasconcellos, 2001, p.42). Brevemente concluímos, então, que a *imitatio*, a *aemulatio*, a compilação, ou a simples referência ao gênero têm como efeito gerar, não uma cópia, muito menos um plágio ou roubo (Guglielminetti, Marziano. “La tecnica dell’allusione” in Cavallo, G; Fedeli, P; Giardina, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica. L’attualizzazione del testo*. Vol. IV. Roma: Salerno Editrice, 1999, pp. 11-45) um empréstimo, mas uma obra, nesse sentido, original (Blanchard, Joël. “Compilation et légitimation au XVe siècle”. *Poétique*, 74 (1988), 139-157, cf. ainda nota supra ao termo “fonte”): a alusão faz parte do jogo de significação de uma obra, e este só pode ser solucionado por aqueles que percebem tais apropriações.

exemplo de sua aplicação à obra em estudo. Trataremos, para tanto, de discorrer sobre a construção boccacciana da já mencionada biografia de Tisbe (XIII) no *De Claris*, texto cuja fonte principal seria, segundo sugerem Zaccaria (1970, p. 493, nota 1) e Laura Torreta (1902, p. 279), o referido canto IV, 55-156, das *Metamorfoses* (7 d.C) de Ovídio.

A nossa escolha dos textos que serão abaixo confrontados se baseou, inicialmente, nos supramencionados apontamentos feitos pelos estudiosos, para os quais parece não haver discordância sobre a fonte de Boccaccio quanto a esse episódio mitológico específico. Procuraremos, então, observar que aspectos do texto boccacciano remetem ao texto antigo, a fim de apreciar possíveis relações alusivas, i.e. relações entre os textos que possam criar, para o leitor boccacciano que as reconheçam, efeitos de sentido na leitura da referida biografia no *De Claris*. À análise, pois.

3. A Tisbe antiga e sua versão renascentista: uma leitura

No que diz respeito ao gênero, logo podemos perceber que a versão do mito de Tisbe que se encontra no *De Claris* difere da versão de Ovídio. Mas, interessante é que as duas obras, sob o ponto vista do gênero, têm algo em comum, uma vez que este em ambas é de difícil determinação. As *Metamorfoses*, compostas em versos hexâmetros, possuem “um estatuto genérico sujeito a controvérsias”²², que mistura elementos da poesia épica e da elegíaca²³. O texto de Boccaccio, por sua vez, foi composto em prosa, e se insere dentro do gênero do catálogo²⁴, nomeadamente do catálogo biográfico, portanto com elementos da biografia.²⁵

De qualquer maneira, para representarmos o modelo compositivo²⁶ apresentado pelo

²² Trevizam, M. “Incorporação de um mito ovidiano (*Metamorfoses* VI 412-674) à *Philomena* de Chrétien de Troyes”, *Phaos*, 2005 (5), pp.127-146.

²³ Sobre a questão cf. Hinds, S. *The Metamorphosis of Persephone: Ovid and the Self-conscious Muse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

²⁴ “Catalogs of women are lists – sometimes found in other works, sometimes found alone – enumerating pagan and (sometimes) Christian heroines who jointly define a notion of femineity.” (McLeod, G. *Virtue and Venom: Catalogues of Women from Antiquity to the Renaissance*. University of Michigan Press, 1991, p. 1).

²⁵ Sobre o gênero biográfico antigo, cf. Kraus, C.S. “Historiography and Biography” in Harisson, S. (ed.) *A companion to Latin Literature*. Blackwell Publishing, 2007; e Conte, G. B. *Latin literature*. Trad. J. B. Solodow. Londres: John Hopkins University Press, 1994. As particularidades quanto ao gênero biográfico antigo por si só têm sido, ao que parece, evitadas pelos pesquisadores: a biografia é normalmente associada à produção historiográfica, e volta e outra é representada como um gênero menor dentre alguns manuais de literatura antiga e moderna, por exemplo. Sobre a questão do gênero no Renascimento cf. Colie, R. L. *The resources of Kind: Genre Theory in Renaissance*. Ed. by Barbara K Lewalski. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, Una’s Lecture, 1973.

²⁶ Aqui tomo emprestada a expressão “modelo compositivo” do supramencionado artigo de Matheus Trevizam (p.138).

autor toscano em cada biografia do *De Claris* utilizaremos os mesmos moldes estruturais apontados por Anna Cerbo (2001), quando a estudiosa se refere à *Genealogia Deorum Gentilium* (1350-63) - outra obra de Boccaccio, e que julgamos adequada como contraponto ao estudo desse aspecto do *De Claris*. Para Cerbo, portanto, a narrativa de Giovanni se dividiria em dois momentos: o primeiro seria uma parte “expositiva”²⁷, em que o autor oferece dados sobre a filiação da biografada (onde nasceu, com quem se casou, e uma pequena narrativa que retrata como ela se tornou famosa). O segundo momento apontado por Cerbo compreenderia um comentário do autor, em geral moralizante, que a estudiosa chama de “parte exegetica”²⁸. Este comentário corresponde, na biografia de Tisbe, por exemplo, aos parágrafos finais §12, 13 e 14, ao passo que a parte expositiva corresponde aos anteriores.

Para outro estudioso, Stephen Kolsky (2004), o texto boccacciano não se assemelharia ao que é apresentado por Ovídio nas *Metamorfoses*, uma vez que, segundo Kolsky, Boccaccio insiste em dar a seu texto certa “historicidade”, diferentemente do que acontece no respectivo texto ovidiano: o certaldense omite a própria metamorfose do conto, e, ainda, livra-se de elementos que não se encaixariam no “ideal” (!) de texto correspondente ao gênero historiográfico.²⁹ Sob nosso ponto de vista, alguns aspectos do texto boccacciano confirmariam o ponto de vista de Kolsky (2004). Por exemplo, lembremos o fato de Boccaccio ter transmitido a história em terceira pessoa, como um narrador distanciado (na parte “expositiva”), ao passo que Ovídio lança mão do discurso direto várias vezes no referido episódio das *Metamorfoses*. Concordando nesse ponto com Kolsky (2004), parece evidente que o autor toscano em diversos momentos tenta amenizar a dramaticidade do episódio, subordinando o texto a uma estrutura mais analítica e moralizante.³⁰ No mesmo sentido, observamos ao longo das biografias de Boccaccio uma tendência ao evemerismo³¹, bem como, nos passos do estudo de Jocelyn (1997) a respeito do *Genealogia Deorum Gentilium*, a uma leitura alegórica.³²

²⁷Cerbo, Anna. *Metamorfosi del mito classico da Boccaccio a Marino*. Pisa: Edizioni ETS, 2001, p. 81.

²⁸Cf. Cerbo, 2001, p.81. Uma observação sobre o que seria a “parte exegetica” do texto boccacciano, segundo Cerbo (2001): temos a impressão, pela leitura do artigo da estudiosa, que ela entende a “exegese” não apenas como uma “interpretação minuciosa do texto” (cf. verbete 1 de Houaiss), mas sim como “leitura de chave cristológica”, “de moral cristã”. Sobre a “exegese” cf. o verbete no *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. RJ: Ed. Vozes, 2002.

²⁹ “In spite of the poetical source, Boccaccio attempts to create an illusion of historicity by abandoning all reference to the metamorphic aspects of the Ovidian version.” (Kolsky, 2004, p.33).

³⁰ Cf. Kolsky, 2004, p.37.

³¹ Interpretação dos mitos proposta por Evêmero (IV a.C.), na qual os deuses são considerados homens divinizados por sua fama. Agradecemos a gentil colaboração da Prof.^a Dr.^a Bianca Fanelli Morganti, que durante o exame de qualificação, nos lembrou da questão do evemerismo.

³² “Examination of many of the other allegories proposed in the *Genealogia*, whether at second or at first hand,

À parte as diferenças genéricas apontadas até então (verso x prosa; elegia e épica x catálogo e biografia; ficção x historicidade), não podemos afirmar, porém, que a biografia de Boccaccio se afaste totalmente do gênero épico e elegíaco empregados por Ovídio. Não cabe aqui uma discussão aprofundada a respeito da natureza genérica, mas se levarmos em consideração que nosso autor toscano relata em sua historieta mitos e lendas de tempos remotos, com a presença de deuses (mesmo que lidos evemerística e alegoricamente) por que não poderíamos dizer que a biografia de Boccaccio, ao ressaltar as qualidades heróicas das mulheres que se destacam em suas celebridades, pode avançar sobre pontos da épica³³? Ou mesmo, ao expressar os sentimentos de Tisbe em relação à Píramo (e vice-versa) o autor não tangenciaria a elegia³⁴? Observemos esta passagem do texto do *De Claris*:

À medida que se dirigiam com mais frequência a ela [leia-se: à fenda], conversando um pouquinho, como de costume e, tendo a parede como um obstáculo que lhes diminuía o rubor -, ampliavam sua liberdade de exprimir as afeições, muitas vezes abriam caminho a suspiros, lágrimas, ardores, desejos e todas as paixões, e algumas vezes também a pedirem mutuamente a paz dos seus espíritos, abraços e beijos, confiança, respeito e amor eterno. (Tradução nossa).³⁵

Apontados alguns dos aspectos a serem aprofundados quanto à questão do gênero textual no episódio de Tisbe narrado no *De Claris*. Busquemos agora alguns aspectos da seqüência narrativa de Boccaccio que lembram efetivamente a matéria ovidiana tratada nas *Metamorfoses* IV, 55-166. Nossa surpresa foi encontrar quase nenhuma diferença entre a história propriamente dita relatada pelos autores. Em ambos os textos, os amantes Tisbe e

reveals similar links with the social environment in which Boccaccio wrote. He sought eternal meanings for the ancient myths, but what he discovered was a mere reflection of his own time and experience.” (Jocelyn, 1997, p.264-5).

³³ Segundo o manual *Oxford Companion to Classical Literature*, de Howatson (1989, p. 213-14), o gênero épico é um poema narrativo de grande escala estilística e erudita, cujo conteúdo retrata as aventuras de heróis engajados em alguma tarefa. Este herói seria superior aos outros homens nos quesitos de força, coragem e senso de honra. O “conteúdo” épico inclui os mitos, as lendas, histórias e contos folclóricos. O gênero retrata, em geral, eras heróicas e a história de países em sua essência inicial. Batalhas, longas jornadas, os deuses e o sobrenatural também fazem parte dos temas que compõem o gênero épico.

³⁴ Ainda segundo o manual *Oxford Companion to Classical Literature*, de Howatson (1989, p. 208), observamos que é considerado elegia todo poema – na literatura grega ou latina – escrito em elegíacos (versos alternados de hexâmetros e pentâmetros). Na antiguidade a elegia era associada à lamentação, mas era usada em vários tipos de literatura. Os versos elegíacos são conhecidos por expressar os sentimentos de uma pessoa, e no século VI a.C. foi muito usado em inscrições que celebravam os feitos de alguém. Na literatura latina, a elegia ganha nova direção, uma vez que se usam os versos elegíacos para compor pequenos poemas dedicados a uma amante. Este “novo efeito” dado à elegia pelos romanos, porém, é todo herdado da literatura grega. Catulo, Propércio, Tibulo e Ovídio são os principais autores elegíacos de Roma, sendo que o último estendeu o uso dos versos elegíacos para outras temáticas. Foi apenas no século XVI que “elegia” passou a denominar somente um poema com tom de lamento, na literatura inglesa.

³⁵ [...] ad quam dum clam convenissent sepius et, consuetudine paululum colloquendo, pariete etiam obice, quo minus erubescabant, ampliassent exprimendi affectiones suas licentiam, sepe suspiria lacrimas fervores desideria et passiones omnes aperiebant vias, non nunquam etiam orare invicem pacem animorum amplexus et oscula, pietatem fidem dilectionemque perpetuam. (*De Claris*, XIII, §3).

Píramo se conhecem através de uma pequena fenda que havia em uma parede comum às suas casas. Apaixonados, combinam uma fuga. Tisbe sai primeiro de casa, chega perto da fonte de Nínio, lugar combinado, e, assustada por uma leoa, se esconde perdendo a manta que levava consigo. A leoa, que estava com a boca suja de sangue da última presa, destroça a manta e sai deixando os retalhos. Píramo chega e não encontra a amada, mas sim a manta estraçalhada. Então pensa que sua amada foi devorada e se mata. Tisbe volta logo em seguida, encontra o amante morto e também se suicida.

Portanto, quanto à sequência da narrativa de acontecimentos, Boccaccio mantém os exatos mesmos passos dos protagonistas, tirando-lhes somente o poder da palavra e as passagens metamórficas de Ovídio. Simplesmente não há em Boccaccio, por exemplo, uma referência ao surgimento da amoreira (árvore cujos frutos se tingem de vermelho com o sangue dos amantes Tisbe e Píramo mortos), menção feita pelo autor romano na sua versão das *Metamorfoses* (Met. IV, vv.118-127).

Boccaccio, por sua vez, inclui em seu texto uma reflexão de natureza moral cristã (como já nos foi apontado por Cerbo (2001)). Este tipo de passagem está presente em grande parte das biografias da obra em estudo, como nos capítulos XV, XVII, XVIII, XXII, XXIII, e é onde o autor costuma discorrer sobre algum aspecto “reprovável” da personagem biografada³⁶. Já o texto de Tisbe contém uma exortação aos cuidados com o amor na juventude:

Quem não se compadecerá dos jovens? Quem não concederá ao menos uma só lágrima a tão infeliz fim? O que assim fizer será feito de pedra. Crianças amaram: mas não por isso mereciam um sangrento infortúnio por causa deste infortúnio. O amor é um erro comum aos que estão na flor da idade, mas não é um crime horrendo aos solteiros, pois seria possível conduzir-se ao matrimônio. A odiosa sorte procedeu mal, e talvez os miseráveis pais também o tenham feito. Isso porque os ardores dos jovens devem ser contidos gradualmente evitando que os lancemos desesperados contra o precipício ao desejarmos tolhê-los com repentino obstáculo. O ardor do desejo é de vigor imoderado, quase uma peste e flagelo comum aos jovens, em quem, pór Pólux!, ele deve ser tolerado com ânimo paciente. Isso porque a natureza das coisas é que deseja que assim ocorra, ou seja: que enquanto estamos no vigor da idade, inclinemo-nos espontaneamente à prole, para que o gênero humano não desapareça, se o coito for adiado para a velhice. (Tradução nossa).³⁷

³⁶Na biografia da Medeia (XVII, 11), por exemplo, Boccaccio diz que não se deve dar muita liberdade aos “olhos”

³⁷ Quis non compatiatur iuvenibus? Quis tam infelici exitui lacrimulam saltem unam non concedet? Saxeus erit. Amarunt pueri: non enim ob hoc infortunium meruere cruentum. Florentis etatis amor crimen est, nec horrendum solutis crimen; in coniugium ire poterat. Peccavit fors pessima et forsani miseri peccavere parentes. Sensim quippe frenandi sunt iuvenum impetus, ne, dum repentino obice illis obsistere volumus, desperantes in precipitium inpellamus Immoderati vigoris est cupidinis passio et adolescentium fere pestis et comune flagitium, in quibus edepol patienti animo tolleranda est, quoniam sic rerum volente natura fit, ut scilicet dum etate valemus, ultro inclinemur in prolem, ne humanum genus in defectum corruat, si coitus differantur in senium. (*De Claris*, XIII, §12, 13, 14)

Na esteira destas reflexões, observamos que o texto do *De Claris* é permeado por aquilo que chamaremos de “juízos de valor” - pequenos comentários expressos pelo autor durante a narrativa, e que, mais uma vez nos passos de Cerbo (2001), parecem denunciar a interpretação moralista cristã que o autor faria das personagens retratadas por ele. Um exemplo deste tipo de interpretação seria a passagem em que Boccaccio descreve o momento em que a personagem Tisbe sai de casa: na versão ovidiana, Tisbe também é a primeira a deixar a casa para fugir, mas o autor toscano acrescenta, neste momento do texto, a seguinte passagem: *Ardentior forte Tisbes prima suos fefellit* [...] (*De Claris*, XIII, §4, que traduzimos: “Primeiro Tisbe, **talvez mais ardente**, enganou os seus.” (*De Claris*, XIII §4, grifo nosso).

Em *De Claris* a biografada parece, ainda que caracterizada por Boccaccio como uma mulher pagã, ser “vislumbrada” com um estereótipo da mulher que é facilmente encontrado em textos³⁸ da Idade Média e Renascimento: o da mulher lasciva (cf. Bloch (1995) e Duby (1989 e 1990)). Este trecho, assim como outras passagens semelhantes³⁹ encontradas no *De Claris*, estariam ligados a temas associados à moral e hermenêutica cristã. Quem nos esclarece sobre a exegese de Boccaccio é mais uma vez a estudiosa Cerbo (2001).⁴⁰ Enfim, embora o que chamamos de juízos de valor não esteja de todo ausente do tratamento conferido por Ovídio aos mitos que reconta, é evidente que o modo como seu leitor certaldense configura os seus em *De Claris* depende de elementos posteriores à chamada tradição clássica greco-romana.

³⁸ Cf. por exemplo o episódio de Actéon, *Metamorfoses* III; cf. I. T. Cardoso, “Metamorfoses no Actéon de Ovídio” In: Leite, N. V. de A.. (Org.). *Corpo e Linguagem - A Estética do Desejo*. Campinas: Mercado das Letras, 2005, v. 1, p. 45-62.

³⁹ Um outro exemplo, presente no *De Claris*, em que Boccaccio retrata a biografada como uma mulher ardente, dada à concupiscência (referindo-se desta vez à Semíramis, rainha assíria): *Nam cum, inter ceteras, quae assidua libidinis prurigine, ureretur infelix, plurimum miscuisse se concubitu creditum est* (*De Claris*, II, §13). “Com efeito, uma vez que essa infeliz, entre outras, era inflamada como que por uma incessante compulsão libidinosa, acredita-se que se misturou ao coito de muitos” (*De Claris*, II, §13, Tradução nossa).

⁴⁰ “Boccaccio dunque legge gli antichi con i punti di vista cristiani che si sono sovraimpressi alle operazioni allegoriche pagane. Con il suo intenso lavoro etimologico ed esegetico contribuisce alla nascita dell’Umanismo cristiano.” (Cerbo, 2001, p.105). Sob semelhante ponto de vista, porém referindo-se a presença de Ovídio em outra obra de Boccaccio, a *Genealogia Deorum Gentilium* (1350-63), Henry David Jocelyn (1997) antecipa a análise de Cerbo (2001) e nos oferece esta explanação: “The several explicit references to method which he makes in the course of the *Genealogia* show him operating very much in the medieval tradition of biblical exegesis. He tends to turn the old poets into theologians as perceptive in their way as philosophers about the nature of godhead but unenlightened by the Christian gospel. Frequently, however, in particular cases he writes as no orthodox ecclesiastical theologian would have done, even on occasion giving the impression that he has found a specifically Christian sense within a pagan myth.” (Jocelyn, 1997, p. 259).

4. Conclusão

Finalizamos o presente trabalho fazendo, então, uma breve retrospectiva das apreciações aqui expostas: uma atenção à versão do mito de Tisbe escrita por Boccaccio evidencia alusões que este autor teria feito à versão de Ovídio, nas *Metamorfoses*. Neste momento, concentramo-nos nas semelhanças da sequência narrativa dos textos, mas, no prosseguir dos estudos, procuraremos evidenciar que o texto latino do *De Claris* faz mesmo constantes referências à obra ovidiana, à medida que desta empresta elementos lexicais e imagéticos, por exemplo.

No que concerne à alusão ao gênero, observamos brevemente que Boccaccio interfere no modelo compositivo de seu modelo, optando por uma forma (em prosa, por exemplo) diversa da apresentada por Ovídio. Podemos dizer desde já que, seguindo os passos de Kolsky (2004), notamos que Boccaccio se empenha na construção de um texto mais analítico, que se aproximaria de um texto historiográfico. Seria ele de caráter puramente “histórico”? Serviria de *exemplum*? Ficam as questões para a sequência dos estudos.

Na esteira de Jocelyn (1997) e Cerbo (2001), por sua vez, somos levados a refletir, por um lado, sobre o fato de que o autor toscano, também no excerto analisado, parece trazer consigo o pensamento medieval exegético para interpretar suas biografias (as quais quase sempre terminam com uma reflexão moral de valores cristãos). Nesse sentido, a observação da intertextualidade com Ovídio despertou-nos, por contraste, a atenção à idéia de um possível *ethos* boccacciano mais evidente no *De Claris*, e talvez em outras obras latinas do fim de sua vida: uma *persona* literária recoberta de introspecção religiosa, como nos indicou Zaccaria (1970) na “Introduzione” à tradução italiana⁴¹.

Por volta e outra, entretanto, esta *persona* literária de Boccaccio se mostra mais propensa a expressar-se ainda à maneira do *Decameron* – como nos alerta mais uma vez Stephen Kolsky (2004). “A biografia de Tisbe é característica de um estilo de escrita que foi idioleto do jovem Boccaccio, enquanto o comentário representa sua abordagem moral mais ‘madura’ em relação à literatura e à vida – o *Decameron moralisé*” (p. 35-6)⁴². Na própria biografia de Tisbe (XIII) aqui discutida, por exemplo, deparamo-nos com uma reflexão de

⁴¹ Segundo Zaccaria, Boccaccio estaria passando por um “profondo rivolgimento spirituale” por conta de um incidente entre ele, um “vidente” e o mestre Francesco Petrarca. Cf. Zaccaria, V. “Introduzione” in Branca, V. (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, vol. X a cura di Vittorio Zaccaria, Milão: 1967; 2ª ed., 1970, p.3.

⁴²“Thisbe’s biography is characteristic of a style of writing that was idiolect of the younger Boccaccio whereas the commentary represents his more ‘mature’ moral approach to literature and life – the *Decameron moralisé*.”

Boccaccio sobre natureza do amor na juventude, e uma exortação à reprodução (*coitus*) para a manutenção da espécie humana⁴³. Com isso, Boccaccio iria, portanto, em direção ao *ethos* decamerônico? Se sim, no enalço da pesquisa de Laura Torreta (1902), surpreendeu-nos a constatação da presença de um “Boccaccio indulgente agli amanti e ai peccati d’amore,”⁴⁴ mas que em algumas circunstâncias “fa capolino sotto il cappuccio del moralista”⁴⁵ – nesse sentido, as referências à arte de Ovídio (por sua vez notoriamente “arteira” e alusiva), não parecem ser mera coincidência.

5. Bibliografia

- ALESSIO, Gian Carlo; VILLA, Claudia. “Il nuovo fascino degli autori antichi tra i secoli XII e XIV” in CAVALLO, G; FEDELI, P; GIARDINA, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica. La ricezione del testo*. Vol. III. Roma: Salerno Editrice, 1999, pp. 473-511.
- AUERBACH, E. *Figura*. São Paulo: Editora Ática, 1997. Tradução de Duda Machado.
- BLOCH, R. H. *Misoginia Medieval. A Invenção do Amor Romântico Ocidental*. Tradução de Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BOCCACCIO, G. *Decameron*. Vol. I e II. Milão: Oscar Mondadori, 2009.
- BOCCACCIO, G. *Famous Women*. Edited and Translated by Virginia Brown. The I Tatti Renaissance Library. Cambridge/London: Harvard University Press, 2001.
- BRANCA, V. (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, Vol. X a cura di Vittorio Zaccaria (Milão: 1967; 2ª edição, 1970).
- _____. “Profilo Biografico” in BRANCA, Vittore (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, Vol. I([Milão] 1967; 2ª edição, 1970).
- CERBO, Anna. *Metamorfosi del mito classico da Boccaccio a Marino*. Pisa: ETS, 2001.
- CONTE, Gian Biagio. *The rhetoric of imitation. Genre and Poetic memory in Virgil and other latin poets*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1996.
- DUBY, G. *Idade Média, Idade dos Homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁴³“(…) quoniam sic rerum volente natura fit, ut scilicet dum etate valemus, ultro inclinemur in prolem, ne humanum genus in defectum corruat, si coitus differantur in senium.” (*De Claris*, XIII, §14). “Isso porque a natureza das coisas é que deseja que assim ocorra, ou seja: que enquanto estamos no vigor da idade, inclinemo-nos espontaneamente à prole, para que o gênero humano não desapareça, se o coito for adiado para a velhice.” (Tradução nossa).

⁴⁴ Cf. Torreta, 1902, p.271.

⁴⁵ Cf. Torreta, 1902, p.271.

- DUBY, G; PERROT, M (orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990.
- FERA, Vincenzo. “Problemi e percorsi della ricezione umanistica” in CAVALLO, G; FEDELI, P; GIARDINA, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica. La ricezione del testo*. Vol. III. Roma: Salerno Editrice, 1999, pp. 513-543.
- GARIN, E. *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: PUF, 1988.
- GUGLIELMINETTI, Marziano. “La tecnica dell’allusione” in CAVALLO, G; FEDELI, P; GIARDINA, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica. L’attualizzazione del testo*. Vol. IV. Roma: Salerno Editrice, 1999, pp. 11-45.
- HOWATSON, M.C. (ed.). *Oxford companion to classical literature*. New York: Oxford University Press, 1997.
- JOCELYN, H.D. “Giovanni Boccaccio’s interpretations of Graeco-Roman myths and the constraints and impulses of his own times” in *Die Allegorese des antiken Mythos*, Harrassowitz Verlag, 1997, pp. 253-265.]
- KALLENDORF, C. “Boccaccio’s Dido and the Rhetorical Criticism of Virgil’s *Aeneid*”, *Studies in Philology*, vol. LXXXII, nº4, University of North Carolina Press, 1985.
- KOLSKY, S. *The genealogy of women: studies in Boccaccio’s De Mulieribus Claris*. Peter Lang Publishing, 2003.
- MCLEOD, G. *Virtue and Venom: Catalogues of Women from Antiquity to the Renaissance*. University of Michigan Press, 1991.
- OVID. *Metamorphoses. Books I-VIII*. Cambridge and London :Harvard University Press, 1999.
- OVIDE. *Les Métamorphoses. I-V*. Paris, Les Belles Lettres, 1999. Texte établi et traduit par Georges Lafaye.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. São Paulo: Hedra, 2000. Tradução do latim para o português de Bocage.
- PRATA, Patrícia. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Campinas: 2007. Tese de doutorado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP.
- RADCLIFF-UMSTEAD. “Boccaccio’s Adaptation of Some Latin Sources for the Decameron”, *Italica*, vol. 45, nº2, 1968, pp. 171-194.
- RICCI, L. B. “La produzione latina” in *Boccaccio*. Roma: Salerno Editrice, 2000, pp. 207-26.

SPALLONE, Maddalena. “I percorsi medievali del testo: *accessus*, commentari, florilegi” in CAVALLO, G; FEDELI, P; GIARDINA, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica. La ricezione del testo*. Vol. III. Roma: Salerno Editrice, 1999, pp. 387-471.

TORRETTA, L. “Il libro *De Claris Mulieribus* di Giovanni Boccaccio”, *Giornale storico della letteratura italiana*, 1902, vol. 39, pp.252-292, vol. 40, pp. 35-65.

USSANI, V. Jr. “Alcune imitazioni ovidiane del Boccaccio”, *Maia*, 1948, I, pp. 289-306.

VASCONCELLOS, P. S. *Efeitos Intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas, 2001.

ZACCARIA, V. “Introduzione” in BRANCA, V. (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, vol. X a cura di Vittorio Zaccaria, Milão: 1967; 2^a ed., 1970.

_____. “Le fasi redazionali del “*De Mulieribus*”, *Studi sul Boccaccio*, I, 1963, pp. 253-332.